

EXPEDIÇÃO DEMENE- RETRANCA PEIXES ORNAMENTAIS- GABRIEL NOGUEIRA, COM FOTOS-
TODAS AS CÓPIAS PARA TONICA- AMBIENTE-AE

BARCELOS (AM) - Os mais exóticos peixes ornamentais do mundo, como os acarás disco e bandeira, são originários da Amazônia. Mas eles já podem ser importados da Malásia, Singapura e Hong Kong. Da mesma forma que ocorreu com a árvore seringueira, transplantada para a Ásia, destruindo a economia da borracha amazônica, peixes de laboratório asiáticos estão reduzindo a pesca artesanal a uma atividade semi-escrava. Comprados a um cruzeiro nas bocas dos igarapés dos rios Negro e Demene, chegam a ser vendidos -- depois de passar por uma rede de até sete intermediários -- a até US\$ 45 (CR\$..... pelo câmbio comercial de ...) em países como Estados Unidos e Alemanha.

A exportação de peixes ornamentais da Amazônia (90% embarcados em Manaus) é da ordem de 14 milhões de unidades/ano, rendendo apenas cerca de US\$ 1 milhão (CR\$.....). Singapura, que há menos de 20 anos tinha uma participação inexpressiva no mercado, exporta hoje US\$ 65 milhões, grande parte de espécies originárias da Amazônia, segundo informa o presidente da Associação de Exportadores de Peixes Ornamentais, Daniel Rejtman.

"Na Ásia há incentivo da atividade e são feitas pesquisas para criação de espécies em cativeiro. Hoje no Brasil, esse comércio só dá lucro devido ao baixo preço de compra", admite Rejtman. Algumas espécies, como o raro e caro acará disco (Symphysodon spp) hoje só tem mercado no exterior como reprodutor, para evitar, com a introdução do "gen selvagem", a consaguinidade das espécies reproduzidas em cativeiro, diz Rejtman.

A pesca artesanal é ainda uma das atividades econômicas que mantém um grande contingente, avaliado em dez mil pessoas, afastado da pesca e caça predatórias numa das últimas áreas ainda preservadas da Amazônia, a do Rio Demene. A área de atuação desse grupo se concentra num raio de 400 quilômetros em torno de Barcelos, (a última cidade antes do Rio Demene,) segundo levantamento feito pela Expedição Demene.

Numa iniciativa da Agência Estado, o Núcleo de Monitoramento Ambiental (NMA-Embrapa) e a Universidade Paulista (Unip/Objetivo) desenvolvem um projeto de zoneamento econômico-ecológico do Demene. O objetivo é demonstrar que o desenvolvimento da Amazônia pode ser feito com baixo impacto ambiental. A profissionalização da pesca artesanal é uma das alternativas econômicas para evitar a depredação do meio ambiente.

"É preciso dar alternativas à população antes de exigir que não deprede o meio ambiente", diz João Carlos Di Gênio, reitor da Unip/Objetivo. Segundo o sociólogo Renato Cabral, do NMA, que coordenou a pesquisa sócio-econômica, apenas a organização dos pescadores artesanais em cooperativas e a introdução de técnicas de reprodução em cativeiro podem tornar a atividade rentável economicamente e evitar a extinção de espécies superexploradas.

Apenas uma espécie, o cardinal (Paracheirodon axelrodi), ainda não foi

reproduzido em cativeiro em escala econômica pelos asiáticos, informa o biólogo Alejandro Dorado, do NMA. Essa espécie, apesar de representar 80% da quantidade exportada, tem baixo peso econômico, enquanto o acará disco responde por 80% do valor. A superexploração do cardinal está ameaçando a espécie. Segundo trabalho desenvolvido pelo pesquisador Jansen Zuanon, do Instituto de Pesquisas da Amazônia (Inpa), há evidências de diminuição da presença do cardinal, principalmente no baixo Rio Negro

BOX-PEIXES ORNAMENTAIS- "O PIABEIRO"

Igarapé do Coaibi - Quando "ecologistas de boutique" compram peixes ornamentais amazônicos para enfeitar aquários na Alemanha, Holanda, Japão e Estados Unidos, nem suspeitam dos caminhos percorridos até as lojas de revenda no exterior, observa o geógrafo Fábio Bonfá, da Unip/Objetivo. No início dessa cadeia, que dá lucro a pelo menos sete intermediários, estão os 'piabeiros', demoninação dada aos pescadores artesanais. São eles que fazem todo o trabalho e na maioria das vezes nem ganham o essencial para sobreviver.

Francisco de Assis Bittencourt é um 'piabeiro'. Mora em um barco, de cinco metros de comprimento, com o irmão, um amigo e a família deste, constituída de mulher e três filhos pequenos. A equipe da Agência Estado saiu com Francisco para uma de suas pescarias. Normalmente, em troca de gêneros alimentícios (a preços duas ou três vezes superiores aos de mercado), os 'piabeiros' vendem a produção da semana aos 'patrões', os primeiros intermediários.

Saindo de Barcelos, o principal ponto de captura de peixes ornamentais do estado do Amazonas, o grupo utilizou 'voadeiras', lanchas de fundo chato, para apressar a viagem. Apesar disso, depois da entrada no Igarapé do Coaibi, estreito e cheio de obstáculos, o que vale são os remos: até chegar ao local de pesca são necessárias quase quatro horas.

Num dia normal, é preciso sair de madrugada do barco-moradia, em pequenas canoas, para chegar ao local de pesca antes das sete horas e retornar até as 14 horas, conta Francisco. Quando isso não é possível, os 'piabeiros' dormem em pequenas palafitas montadas nas águas rasas do igarapé. "Os patrões não compram nosso produto. Dão apenas uma gratificação", considera o pescador. Nos dias "bons", são capturados com pequenas redes (os 'rapixés') de cinco mil a dez mil peixes. No final de uma dessas semanas mais produtivas, o resultado é uma fêria de Cr\$ 20 mil.

"A maior parte o patrão paga em cachaça", informa Francisco. Não só nessa atividade, como nas outras mais importantes economicamente na área de influência da cidade de Barcelos, como a farinha e a piaçaba (para confecção de encordamento naval e vassouras), a cachaça se constitui em importante elemento de troca, constatou a equipe do NMA.

BOX 2 - PEIXES ORNAMENTAIS- GABRIEL NOGUEIRA- COM FOTOS

BARCELOS (AM) - O mercado de peixes ornamentais é vastíssimo e continua em crescimento. Somente nos Estados Unidos há 24 milhões de 'aquaristas', informa Daniel Rejtman, presidente da Associação de Exportadores. No Brasil, no entanto, houve uma retração a partir da entrada dos asiáticos no mercado.

Os peixes ornamentais mais exportados são o acará (Pterophyllum scalare), cardinal (Paracheirodon axelrodi), rosacéu (Hyphessobrycon) e lápis (Nannostomus), de uma relação de 86 espécies que podem ser pescadas.

A exportação já bateu o pico de 20 milhões de unidades/ano em 1979 mas estabilizou-se nos últimos anos. Segundo o estudo de Jansen Zuanon, do Inpa, a participação decresceu também em decorrência da competição com os países vizinhos como o Peru, Colômbia e a Venezuela.

Os peixes tropicais da Amazônia representam, por exemplo, 17,6% dos exemplares comercializados nos Estados Unidos. O Brasil participa com seis por cento desse total e a Colômbia com cinco por cento. Em valores em dólares, no entanto, o Brasil retém apenas 3,5% desse mercado e a Colômbia onze por cento.

"O frete é um dos fatores que inviabilizam a exportação. Na Colômbia o frete é um terço menor", diz Daniel Rejtman, da Associação de Exportadores. Os comerciantes reclamam ainda da portaria número 477, de 14 de março de 1990, do Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis (Ibama), que restringiu a 86 o número de espécies que podem ser exportadas. (havia um teto maior antes ou era ilimitado?)

"Antes exportavam até peixes comestíveis, como o pirarucu, o que era uma ameaça. Os asiáticos poderiam desenvolvê-lo em cativeiro, como fizeram com os peixes ornamentais", defende o superintendente regional do Ibama, José Amauri da Silva Maia.

Para evitar que a sobrepesca ameace o cardinal, o Ibama proibiu a pesca dessa espécie entre 19 de maio e 31 de julho, considerado como período de reprodução. "Mas não há pesquisa no setor e não se tem certeza de nada", lamenta Jansen Zuanon.

fim